

Curtir e Compartilhar a Paz:

caminhos para a convivência na escola.



Curtir e Compartilhar a Paz:
caminhos para a convivência na escola.



CECIP

2012

CECIP

Diretor executivo **Claudius Ceccon**
Coordenadora de projetos **Claudia Ceccon**

CURTIR E COMPARTILHAR A PAZ: CAMINHOS PARA A CONVIVÊNCIA NA ESCOLA

Texto **Monica Mumme**
Colaboradoras **Flavia Fassi Samel**
Patricia Munçone
Projeto gráfico e Ilustrações **Claudius Ceccon**
Editoração eletrônica **Shirley Martins**
Revisão **Lorenzo Aldé**

Agradecimentos

Soraia Cristina Melo, Ladisséa Salvina da Silva, Maria Mostafa, Simone Petitet Barbosa von Meien, Rafaela Lopes Pacola.

Esta publicação foi produzida no âmbito do projeto **Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos**, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e patrocínio da Petrobras.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M927c

Mumme, Monica

Curtir e compartilhar a paz [recurso eletrônico] : caminhos para a convivência na escola / [texto de Monica Mumme ; colaboradoras Flavia Fassi Samel, Patricia Munçone ; ilustrações Claudius Ceccon]. - Rio de Janeiro : CECIP, 2012.
28 p., recurso digital : il.

Formato: PDF

Requisitos dos sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-99946-05-3 (recurso eletrônico)

1. Educação - Finalidades e objetivos. 2. Paz - Estudo e ensino. 3. Convivência 4. Livros eletrônicos. I. Mumme, Monica. II. Samel, Flavia Fassi. III. Munçone, Patricia. IV. Centro de Criação de Imagem Popular. V. Título.

12-8613.

CDD: 370.11

CDU: 37.017

26.11.12 27.11.12

040915



É com muita alegria que convidamos você a percorrer os conteúdos desta cartilha. Foi feita pensando na melhor forma de contar algumas coisas sobre conflito e violência e em como se pode lidar de outra forma com estes temas, tão presentes no dia-a-dia.

Queremos compartilhar algumas reflexões e aprendizados e, principalmente, apresentar os caminhos tão inovadores que o projeto **Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos** fez ao longo de dois anos, junto com jovens de 50 escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME), educadores representantes destas escolas e parceiros que compõem a gestão da Secretaria.

Algumas perguntas e ideias devem contribuir para que você lide com questões difíceis de resolver. Colocando em prática algumas dessas ideias, podemos nos sentir mais felizes e satisfeitos de conviver em grupo.

Por exemplo: conflito é uma palavra proibida em seu vocabulário ou é algo que pode te ajudar a se transformar e aprender muito sobre você e sobre outras pessoas?

Para alguns, dá até arrepio ouvir essa palavra! Mas muita gente está descobrindo que os conflitos podem ser uma forma de aprender a conviver melhor.

Ao abordar a convivência com novos olhares e experimentar outras formas

de se estar junto, passamos a compreender os conflitos como parte da vida. Eles nos fazem avançar e amadurecer. Para isso, é importante conhecer alguns saberes e práticas que combinam com uma postura mais pacífica e transparente nas relações.

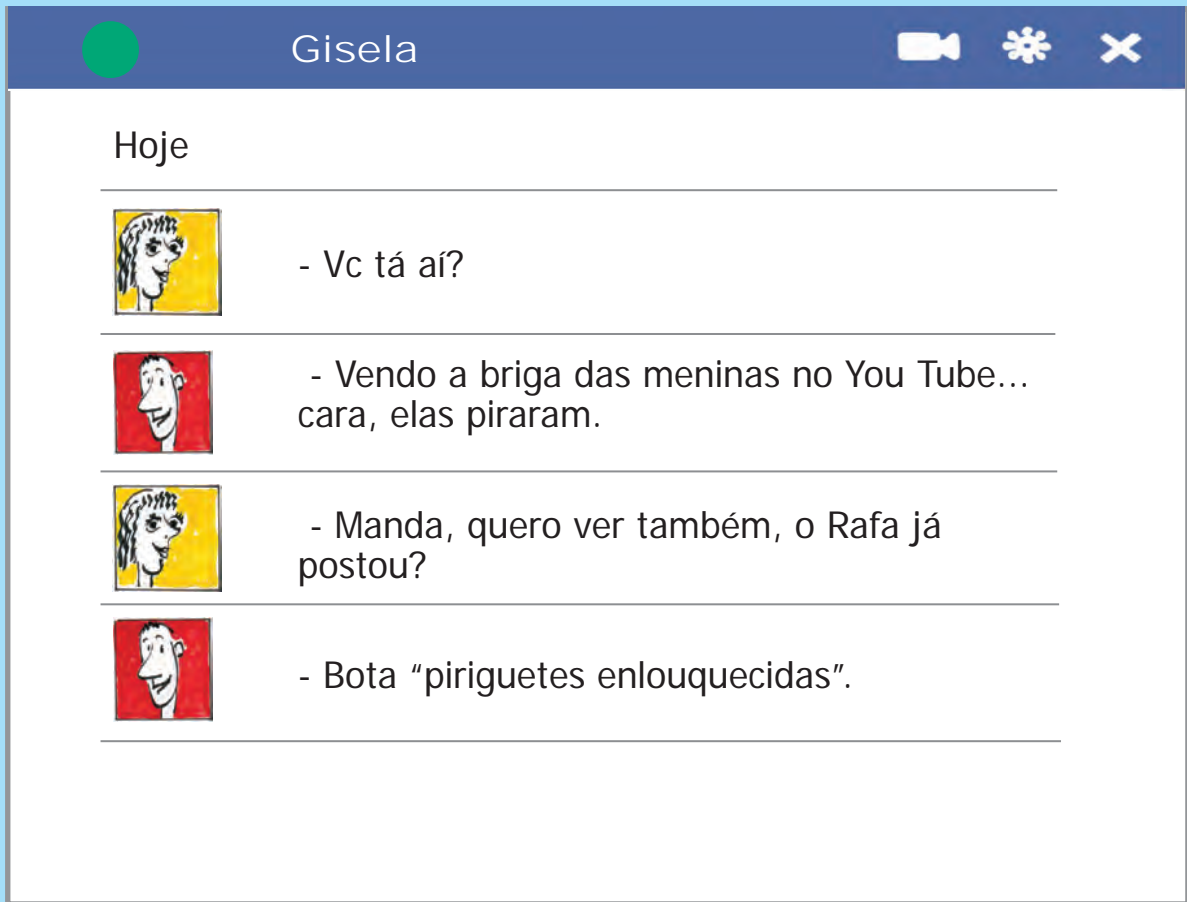
Esperamos que esta leitura abra seus horizontes, para que os desencontros da convivência produzam aprendizados e, com eles, você viva encontros mais possíveis.

A cada dia, você pode ser uma pessoa que, por lidar com seus conflitos e os dos outros, apresenta ações que constroem paz. Esta postura diante de si e do outro desfaz a lógica da violência e da punição, inaugurando relações mais humanas.

Todos podem mudar, melhorar e produzir paz, transformando a realidade de violência em outra: aquela que acredita, acima de tudo, no poder de *ser* humano — um verbo em construção constante...




Um bate-papo no Facebook





The image shows a screenshot of a Facebook chat window. At the top, there is a dark blue header bar with a green circular profile picture on the left, the name "Gisela" in the center, and three icons on the right: a video camera, a gear (settings), and a close 'X' button. Below the header, the word "Hoje" is written in a simple font. The chat history consists of four messages, each preceded by a small square profile picture. The first message is from a person with a yellow background and asks "- Vc tá aí?". The second message is from a person with a red background and says "- Vendo a briga das meninas no You Tube... cara, elas piraram.". The third message is from the same person with the yellow background and asks "- Manda, quero ver também, o Rafa já postou?". The fourth message is from the person with the red background and says "- Bota 'piriquetes enlouquecidas'".


Gisela

Hoje

 - Vc tá aí?

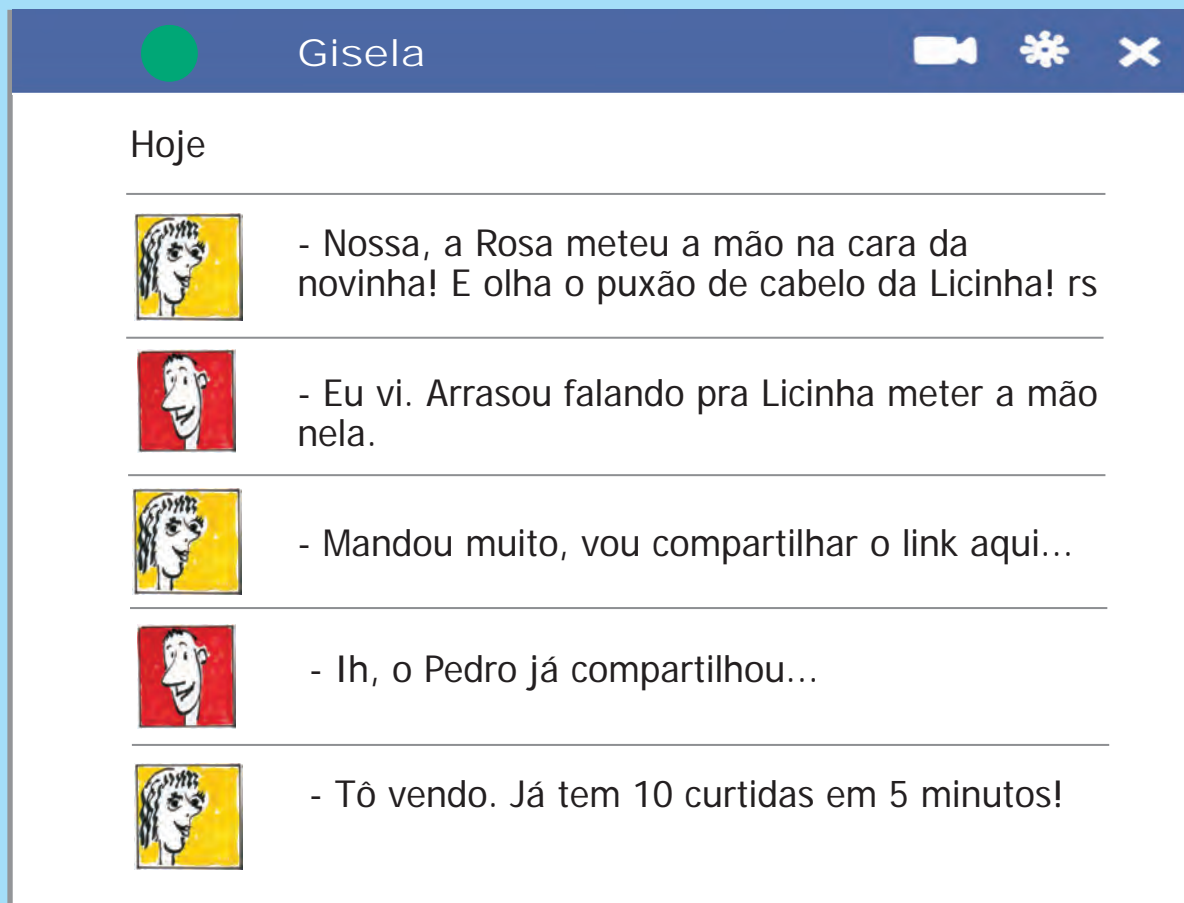
 - Vendo a briga das meninas no You Tube... cara, elas piraram.

 - Manda, quero ver também, o Rafa já postou?

 - Bota "piriquetes enlouquecidas".


Veja este bate-papo e me diz se esta história se parece com alguma que você já viu? Em sua escola já aconteceu uma briga que foi parar no YouTube? Ou que foi comentada no Facebook?


É possível que você tenha vivido algo parecido, de alguma forma: brigando ou assistindo, torcendo ou separando, incentivando ou criticando, curtindo ou compartilhando...





The image shows a screenshot of a WhatsApp chat window. At the top, there is a green circular profile picture and the name 'Gisela'. To the right of the name are icons for video call, settings, and a close button. The chat history is titled 'Hoje' and contains five messages, each with a profile picture of either a girl with blonde hair (Rosa) or a boy with a red background (Pedro).


Hoje

 - Nossa, a Rosa meteu a mão na cara da novinha! E olha o puxão de cabelo da Licinha! rs

 - Eu vi. Arrasou falando pra Licinha meter a mão nela.

 - Mandou muito, vou compartilhar o link aqui...

 - Ih, o Pedro já compartilhou...

 - Tô vendo. Já tem 10 curtidas em 5 minutos!

Isso acontece com frequência. Na maioria das vezes, as pessoas tentam acalmar os ânimos, quem brigou é punido e não se

conversa mais sobre o assunto. Tudo volta ao “normal”... só até a próxima briga, que pode ser na semana seguinte.



No dia seguinte...

Rosa e Licinha não aparecem na escola. Talvez por vergonha, por cansaço ou por terem ficado machucadas. Certamente não querem se encontrar, nem encarar os tantos amigos que assistiram à briga ao “vivo e a cores” ou na internet.

A galera “não perdoa”. Todos comentam a briga. Cada um dá sua opinião e cria-se um movimento enorme em torno disso. Não se fala de outra coisa na escola. Alguns defendem Rosa, outros acham que Licinha está com a razão.

Os mais próximos dizem que só poderia acabar assim mesmo, afinal tem tempo que as duas não se entendem. Não se sabe ao certo o motivo, mas o que a maioria fala é que tem a ver com o Rodrigo, ex-namorado da Rosa. Esse papo já tá na boca do povo.

No Facebook, a estatística no dia seguinte da briga marcava 97 curtidas, 48 comentários e 13 compartilhamentos; no You Tube foram 327 acessos, 75 pessoas gostaram e 6 não gostaram. Uau! Isso é que é interação e rapidez para divulgar uma informação!

Se você quiser fazer sua própria pesquisa, dê uma olhada no You Tube e veja quantos vídeos existem sobre brigas na escola. Você pode começar seu “passeio” pesquisando “brigas de escola”. Repare na quantidade de acessos que os vídeos têm...

A ideia não é criticar, julgar ou avaliar comportamentos. É buscar nos casos da vida real alguns elementos para ajudar o nosso bate-papo. Criar um lugar para pensar, refletir, curtir, compartilhar, comentar, discordar, concordar... enfim, dialogar. Mas como podemos dialogar, se esta é uma cartilha impressa? Não é sala de bate-papo, blog, Twitter, Facebook. Como pode haver interação? A proposta desta cartilha é trazer algumas considerações, perguntas, experiências e

ideias para dar o pontapé inicial. A partir da leitura e do seu conhecimento sobre os assuntos, criar um espaço de troca entre seus amigos, familiares, professores e quem mais quiser entrar nessa. Um lugar que vai sendo criado junto com suas reflexões, questionamentos e pensamentos.

Como é este espaço?

Primeiro, é um espaço dentro de você. Se as informações apresentadas fizerem sentido e der vontade de fazer algo com elas, vá em frente...

Depois, é possível chamar alguns amigos para conversar e trocar ideias e opiniões.

E aí, levar o resultado desses encontros para mais pessoas.



Voltando à história da vida real...

Em casa, Licinha chora, lembrando o que aconteceu. Tem uma mistura de sentimentos. Está com raiva, com culpa, envergonhada, magoada.

Rosa conversa com uma amiga, que lhe traz notícias do “bafão”. Também experimenta sentimentos parecidos com os da Licinha. Mas não vai “dar o braço a torcer”. Afinal, ela está com a razão e é forte. Ninguém precisa saber do que está sentindo.

As duas resolvem ver o Facebook / Explosão de raiva / Começa tudo de novo / Mas agora no mundo virtual...

>:(

>:o



O que dizer sobre isso tudo?

@jovensquefazempaz.
Pessoas brigam, se desentendem, se agredem, perdem a cabeça, ficam com raiva, e, às vezes, com muita raiva. Isto faz parte de ser humano.

@jovensquefazempaz.
Pessoas erram, fazem coisas que se arrependem, querem aprender a fazer diferente, pedem uma segunda chance, uma terceira...

@jovensquefazempaz.
Pessoas podem mudar, se transformar, aprender, cada um do seu jeito e no seu ritmo.

@jovensquefazempaz.
Pessoas podem ajudar os outros, apoiar suas transformações, aprender com isso.

A briga vai longe



Licinha posta e marca Rosa.



Rosa posta e marca Licinha.



Pronto, a briga continua, mas agora sem agressões físicas. Para alguns, tudo certo. Será?

Resultado: Rosa volta à escola depois de três dias. Licinha não volta mais, pe-

diu transferência. Rosa acabou sendo considerada vitoriosa e se tornou popular. Licinha se afastou cada vez mais e, depois de um tempo, só a melhor amiga continuou a ter contato com ela.

Cada etapa vai te dar a oportunidade de usar a imaginação e a criatividade. Busque o melhor caminho para contar o que você e o seu grupo pensam, o que vocês desejam das relações, da convivência, da escola e do seu lugar no mundo, entre tantas outras coisas que vão surgir.

Esta história foi esquecida rapidamente. Tipo postagem do Facebook: uma faz esquecer a outra. Surgiram outras brigas, aquela é passado. Parece que vivemos em ritmo de internet, acostumados a fazer atualizações constantes. Se não, o programa para. Mas será que o que passamos antes “some”, como no Facebook?



Estamos em rede. Estamos nas redes sociais porque existe algo que nos liga na rede chamada vida. Assim como no computador, na vida às vezes “dá pau”: falta energia, acaba a bateria, o sistema “trava”, esquecemos a senha, aparece um vírus. Mas também conseguimos ficar próximos de quem está longe, mostramos as fotos na mesma hora que as tiramos, trocamos mensagens de carinho e amor.

A vida em rede pode nos ensinar a transformar nossas relações. Resolver conflitos com diálogo é algo muito novo para a humanidade, apesar de se falar disso há tanto tempo.

Falar, ouvir

Falar é monólogo. Falar e escutar é diálogo. Monólogo é um. Diálogo é, no mínimo, dois. Diálogo é uma conversa onde um fala e o outro escuta. Depois, trocam as posições: quem falou escuta, quem ouviu fala. Sem invadir a vez do outro. É como um *walkie-talkie*: aqueles aparelhos em que para falar é preciso apertar um botão, e o outro só tem chance de falar quando o primeiro acabar e o botão for liberado.

O grande desafio é realmente escutar as palavras que a outra pessoa está dizendo,

e não apenas nossos próprios pensamentos. Muitas vezes, enquanto “ouvimos”, parece que nossas ideias e opiniões nos levam para bem longe. Com isso, perdemos as coisas mais importantes que foram ditas durante o diálogo. Deixamos o

Punir adianta?

O que costuma acontecer quando alguém faz algo considerado errado? Punição! É a lógica de impor um castigo para que a pessoa aprenda e não faça mais aquilo.

O que você acha disso? Será que poderia ser diferente? Transforme suas reflexões em palavras, desenhos, fotos... libere a criatividade!

- * O que é punição para você?
- * Quando alguém comete um erro, deve “pagar” por isso?
- * E qual é o resultado?
- * Quando você foi punido, deixou de fazer aquilo?
- * Aprendeu algo com a punição?

Se acha importante continuar esta conversa, se quiser que ela ganhe vida e voe nas asas das redes sociais, só depende de você.

Escolha uma pergunta e compartilhe em algum espaço de sua escola as opiniões que encontrar e achar interessantes.

Peça ajuda dos colegas. Esta é uma forma de fazer movimento nas redes da escola e da vida.

Produzir conhecimento dá uma sensação de fazer parte: a possibilidade de transformar o que está em nossa volta... na paz.

outro falando sozinho. Na vez dele, pode acontecer a mesma coisa: preso em seus pensamentos, nos deixa em um monólogo.

Já aconteceu isso com você?

Precisa ser certinho?

Punição é um ato que se aplica para impedir que alguém repita uma ação que foi julgada como *errada* ou *violenta* ou *inadequada* ou *indisciplinada*, ou um pouquinho de cada coisa.

É uma forma de controle das pessoas,

para que não pratiquem outros comportamentos iguais ou parecidos. Tem gente que acha que punir é uma forma de ensinar.

As punições geralmente são definidas em documentos feitos para trazer ordem na convivência entre as pessoas. Podem ser leis municipais, estaduais ou federais, regimentos escolares, normas de conduta de alguma instituição, clube ou grupo.

Sabemos que nossas relações devem seguir normas éticas e morais. E que é muito saudável para uma boa convivência respeitar uns aos outros, ter valores que nos ajudam a viver melhor. Mas, às vezes, é difícil ser tão certinho assim... o tempo todo! Pisamos na bola e no pé dos outros, metemos os pés pelas mãos. Quem nunca se atrapalhou na vida?

Pedir desculpas é ótimo, mas não é suficiente.

Nossas escolhas e a forma como lidamos com as situações têm consequências. Podemos aprender a fazer diferente, mudar nossos comportamentos.

Não significa ser certinho, mas assumir o que fazemos.

Não se trata de não fazer nada “errado” para não ser punido e tudo bem. Trata-se de sermos responsáveis por nós mesmo e por nossas atitudes.

Falas de jovens:

Responsabilidade é...

- “Ser responsável é cuidar de alguma coisa que você recebeu.”
- “Ser confiável é ajudar o próximo, sem *sacanear*.”
- “Para que a gente seja confiável é preciso confiar em si mesmo.”
- “Ser responsável é assumir aquilo que você faz.”
- “Você precisa confiar para ser confiável.”
- “Ser responsável é ser honesto com o outro.”

Responsabilidade é assumir as atitudes e comportamentos. A culpa e o julgamento, que muitas vezes são companheiros bem próximos em situações de conflito e violência, nos afastam de perceber quais sentimentos e necessidades estão envolvidos no caso. A culpa e o julgamento embaçam nosso olhar. É aquele monólogo interno, onde o outro não tem vez.

Como fazer diferente?

Desde 2005, algumas pessoas que fazem parte da equipe do CECIP estão investigando as formas de lidar com o conflito e as violências e como aprender a fazer diferente. Nesta caminhada, muita gente está buscando produzir novas ideias para resolver melhor essas questões que são tão antigas.

Novas respostas não “nascem” da cabeça de uma pessoa para serem seguidas por todos. São construções coletivas, que envolvem muita gente.

O que está nesta cartilha é resultado do encontro de muitas pessoas interessadas em lidar com a convivência e seus desafios inventando e experimentando outras maneiras de agir, colecionando uma lista de ações que ajudem a transformar a maneira como as pessoas pensam e se relacionam.

Depois de um bom tempo fazendo este caminho, temos algumas dicas, mesmo sabendo que ainda há muito a aprender:

- A gente aprendeu que conflito é algo inerente ao ser humano e às relações;
- Aprendeu que a gente aprende com o conflito. Cada um de nós, do seu jeito, percebe que tinha algo realmente “fora do lugar”, e pode inventar formas mais felizes de se relacionar com os outros;
- Aprendeu que resolver conflitos de maneira não violenta não é um passe de mágica. Tem jeitos, técnicas, dicas e é necessário experimentar para ir descobrindo outras formas de enfrentar situações que são sempre diferentes;
- A gente aprendeu que a violência, com certeza, não resolve as questões. E conflitos resolvidos evitam violências;
- Ficou claro que as pessoas podem escolher entre produzir paz ou produzir violência;
- Um ato violento sempre tem história anterior de desrespeito ou de falta de garantia de direitos;
- Quando alguém comete uma violência, não está fazendo isso sozinho. Quando alguém constrói paz, também;
- A paz é muito melhor para todos.



Aprendemos que somos um e ao mesmo tempo somos todos: indivíduo e coletivo... Aprendemos que estamos entrelaçados e conectados: somos uma rede. À medida que fomos avançando, diferentes projetos foram sendo criados e realizados. Todos buscando envolver as pessoas

que vivem a escola. Às vezes trabalhamos com a direção e a coordenação, com os professores, os responsáveis e os alunos; outras vezes só com professores; ou só com gestores. Até o dia em que tivemos a oportunidade e enfrentamos o desafio de fazer um projeto para os jovens e com os jovens.

Cultura de Paz em escolas do Rio

O projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos visa contribuir para a ampliação da Cultura de Paz, buscando respostas efetivas a situações de conflito e violência, no âmbito das escolas e da comunidade de entorno.

Os valores adotados no projeto são: o empoderamento, a responsabilização, o respeito, a implantação do diálogo como resolução pacífica de conflitos e a preservação estrita do cumprimento aos direitos fundamentais de todos os sujeitos envolvidos.

A metodologia do projeto foi aplicada pelo CECIP com sucesso em cerca de 60 escolas públicas no Estado de São Paulo. Construída ao longo de sete anos, inspirou vídeos e três livros publicados. Propõe outra forma de resolver conflitos, na qual a cultura da punição é substituída pela busca das causas que levaram ao ato violento, suas consequências e a

responsabilização dos danos por parte dos que o cometeram.

O projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos trabalha com a comunidade escolar (alunos, educadores, gestores e funcionários) de 50 escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, por meio da formação de adolescentes (do 6º ao 9º anos) e de educadores. Eles são os difusores da Cultura de Paz.

Em 2011, cinco adolescentes e um educador de cada escola fizeram diversas oficinas de sensibilização e capacitação. No ano seguinte, os jovens tiveram módulos de Tecnologias de Informação e Comunicação, com as oficinas “Mega Pixel”.

Ao final de 2012, cada jovem capacitado havia mobilizado mais dois jovens para participar da formação. E os educadores também mobilizaram outros dois colegas, dando início a uma rede de educação para a paz.

Jovens em ação

O desafio foi criar Núcleos de Paz em 50 escolas públicas do município do Rio de Janeiro, convidando cinco jovens em cada escola para pensar sobre conflitos e violências. A ideia central é descobrir como agir para construir uma convivência mais feliz e saudável.

Não é possível tratar a questão do conflito e da violência na escola sem envolver os jovens, sem ouvir o que eles têm a dizer, sem contar com sua participação ativa. Se não, fica parecendo que eles são os únicos que produzem violência.

Qualquer pessoa que convive com outras pode ter experiências violentas ou pacíficas. A violência não tem raça, credo, gênero nem faixa etária. Não tem identidade definida. Muito menos uma “receita” para resolvê-la.

Os jovens mostram muita energia, disposição e compromisso quando são chama-

dos a produzir informações sobre conflitos e violências. Envolvem outros amigos e trazem um “olhar” verdadeiro e atualizado sobre estes assuntos. Não vêm com um discurso pronto e moralista: falam o que realmente pensam e sentem. Buscam tomar consciência sobre as escolhas que fazem no momento de uma briga ou de um bate-boca.

Nós aprendemos muito com os jovens. Quando fazemos oficinas com eles, produzimos materiais e acompanhamos suas ações. Percebemos seu interesse em saber mais sobre conflito e violência, tão falados e vividos que parece impossível serem transformados, resolvidos.

Antes de continuar, que tal fazer um pouco de arte?

A sugestão é, junto com seus colegas, responder à pergunta abaixo e transformar em frases curtas e desenhos as ideias centrais que aparecerem.

Por que o jovem é importante quando falamos sobre convivência, relações, conflito e violência?





Ser jovem é...

O jovem é importante porque é sujeito de direitos e deveres. Consegue ocupar um lugar na sociedade, construindo formas de garantir que sua vez e sua voz sejam respeitadas e consideradas.

O jovem tem muito a dizer sobre como percebe e sente as questões relacionadas à convivência e tudo o que vem com ela. Tem, como qualquer adulto, opiniões próprias sobre como as pessoas experimentam seus sentimen-

tos, e dúvidas sobre como estabelecer relações. Principalmente, tem curiosidade de descobrir novas respostas para temas que os adultos parecem não perceber, ou não se sentem motivados em questionar.

Os jovens são críticos das normas impostas. Algumas vezes, os adultos acham que é até demais... Mas estes questionamentos, quando procedentes, ganham apoio e são a força da transformação. As novas gerações têm o poder de mudar o mundo! Assim como todos nós, os jovens precisam

Construindo juntos

Foi acreditando na força da juventude que o projeto começou a acontecer, juntando 750 jovens e 150 profissionais nas escolas do Rio para construir possibilidades diferentes para conviver em paz. O projeto está baseado em três pontos fundamentais:

- 1) @adultosqueacreditam. Jovens são competentes, capazes de aprender, realizar, participar e colocar em prática formas mais humanas de se relacionar.
- 2) @adultosqueacreditam. Jovens podem e devem desenvolver sua autonomia, fazendo escolhas que produzam ações de paz.

3) @adultosqueacreditam. Jovens pertencem à comunidade escolar como pessoas atuantes, que podem inventar novas formas de convivência pacífica.

Competência + autonomia + pertencimento

Estes três pontos fundamentais são o resultado da experiência vivida e dinâmica do que é **responsabilidade**.

Isto é feito com a participação dos jovens porque não se desenvolve o senso de responsabilidade sem que as pessoas estejam juntas nesta construção.

aprender, cada dia um pouco mais, a colocar em prática os valores que todos queremos: respeito à diferença, inclusão de todos, valorização do outro, independente de sua conta bancária, da roupa que usa, do trabalho que faz e dos pensamentos que tem. Os próprios jovens são capazes de propor outras formas de fazer aquilo que não fizeram de maneira adequada. Sabem e podem ser responsáveis.

Gostam de movimento, de coisas bonitas, se atrapalham com seus sentimentos, ado-

ram organizar eventos, brigam para ver quem é o mais poderoso.

Curtem a vida e, ao mesmo tempo, acham que ela é muito complicada e difícil de entender.

Ficam indignados com o abismo social e a injustiça e têm propostas para que a sociedade consiga uma convivência mais justa...

Os jovens, afinal, são gente como todo mundo.

Vamos compartilhar com você o que escutamos. Veja abaixo algumas das perguntas e respostas que fazem parte do nosso dia-a-dia na construção do projeto.

- **Para que serve esse projeto?**
Para ajudar a desenvolver na escola o pensamento dos jovens de que se resolve tudo em diálogo, não em violência.
- **Como você “faz paz”?**
Resolvendo os conflitos quando for assunto intrigante e tratando todos com respeito.
- **Sabe por que eu acho que esse projeto vai funcionar?**
Porque aqui a gente tá falando com pessoas iguais à gente.

Durante os encontros com os jovens e os adultos da escola e do projeto rola sempre uma brincadeira, um momento para trocar ideias, refletir, falar sobre os assuntos que interessam e produzir um novo entendimento sobre tudo isso.

As perguntas são nossas companheiras nesta viagem. E é por isso que sugerimos que se converse em grupo sobre os assuntos que são tratados aqui. Queremos que os jovens sejam autores de histórias que possam ter um enredo diferente: contar, a partir das próprias experiências e investigações, que a paz se faz no encontro das pessoas e que é possível achar caminhos não violentos para dar conta de nossos desentendimentos e confusões.

Perguntar é uma arte

Quando fazemos perguntas, temos chance de descobrir algo que não sabemos. A pergunta abre portas para um diálogo de verdade, que nos ajuda a escutar.

Mas alguns tipos de perguntas às vezes nos confundem. Perguntar pode causar desencontro, agitação e até gritaria. Existem perguntas *abertas*, que têm uma chave para nos ajudar a aproximar as pessoas em uma conversa; outras são *fechadas*, vêm meio disfarçadas e só querem respostas objetivas; há ainda as *afirmativas*, que são usadas, na realidade, só para confirmar o que já pensamos.

Por exemplo:

Pergunta fechada – Você está feliz hoje?

Pergunta aberta – O que é felicidade para você?

Pergunta afirmativa – Você está bem hoje, não é?

Procure lembrar-se de alguma situação de conflito que foi vivida por você. Pensando bem, será que a forma como fez uma pergunta não trouxe algum desentendimento?

Entre o que um fala e o que o outro escuta pode haver um abismo. Escutamos com nossos sentimentos, experiências, opiniões e crenças. Às vezes, a fala e a escuta combinam. Às vezes, não.

No momento em que dá errado, ou seja, em que entra um ruído na comunicação, uma ótima alternativa é usar perguntas abertas para tentar entender o que está havendo. Além dessas, vale fazer perguntas para conferir se o que você ouviu foi realmente o que o outro falou.



Às vezes a gente pensa que está falando da mesma coisa...

Que tal você bolar um desenho sobre o assunto que estamos discutindo?



O poder do círculo

Como é que se faz para aprender a fazer perguntas, a ouvir o outro, a respeitar a opinião alheia, a deixar acontecer um diálogo?

Há pessoas que falam disso como se fosse super simples e ficam até indignadas porque não se faz como elas dizem. Mas o que estamos aprendendo é que não é tão simples assim.

Quando entramos em conflito, nossas emoções estão embaralhadas, tipo a confusão de fios que ligam computador, internet e carregador de bateria, ou os nós que acontecem quando vários colares são misturados e guardados juntos. Tem que ter paciência para arrumar.

Para compreender o outro e escutar de forma atenta e respeitosa, sem deixar nossos próprios sentimentos e necessidades de fora, precisamos nos exercitar. Aprender como fazer, na prática!

A principal pergunta é: como fazer para melhorar nossa convivência e torná-la mais humana? Encontramos um caminho que tem muitas possibilidades. Apesar de ser uma técnica, não é uma receita de bolo. Este caminho é o dos processos circulares.

É uma maneira muito interessante de reunir pessoas. Elas sentam em círculo (daí

o nome) para falar e ouvir sobre assuntos que importam a todos. O círculo pode ser para resolver um conflito, para tomar uma decisão, para celebrar uma conquista ou para decidir o que fazer diante de uma crise. Os círculos mostram que algumas situações só se transformam quando se juntam as forças de todo mundo. Mas para os processos circulares acontecerem, alguém se preparou e aprendeu a fazer desse espaço um lugar seguro e acolhedor. Esta pessoa tem o nome de guardião.

Ele convida as pessoas a falarem o que sentem e dizerem o que pensam.

** Compartilhando opiniões dos jovens sobre o momento de estar em círculo...*

“Aqui no círculo posso falar o que eu penso sem ser julgado.”

“Eu aprendi que pra tudo tem limite, respeito, tem formas diferentes de se expressar além da fala. E que às vezes é necessário ouvir calado, por mais difícil que seja.”

“Caraca, ouvir é difícil para caramba!”

“É fácil provocar, fazer conversar é mais difícil.”

Coisas tipo respeito e companheirismo não são apenas palavras bacanas: na vida real são possíveis de aprender e de fazer parte das nossas relações.



O guardião, o círculo e a paz

O processo circular é um encontro de pessoas que querem pensar, decidir, se entender e, principalmente, querem usar sua criatividade para inventar novas formas de estabelecer relações parceiras, solidárias, respeitadas e verdadeiras.

No círculo, é o guardião que convida os participantes a criarem, juntos, um ambiente agradável para se falar das coisas mais difíceis, caso seja necessário. O guardião tem a tarefa de lembrar o motivo de estarem todos ali.

Junto com o grupo, faz combinados para garantir que cada um possa ter espaço para se manifestar e que todos tenham condições de encontrar a solução de seus problemas.

O guardião apresenta o “bastão de fala”, que vai passando de um a um. Tem direito de falar quem está com este

objeto. E o convite é para que os demais participantes do círculo apenas ouçam. Só fala quem quiser, e só depois de solicitar e manter o bastão. Caso não queira falar mais, é só passar o bastão de fala.

O guardião do círculo é o único que pode interromper a dinâmica, por ser quem lembra os acordos que foram feitos, neste espaço seguro para falarmos de nós.

Ele estimula a reflexão do grupo com perguntas. Convida o coletivo a cuidar da qualidade do encontro. Não cabe ao guardião conduzir o grupo para tomar nenhuma decisão.

São realizadas várias rodas de conversas e em cada uma delas são feitas perguntas para que as pessoas possam contar e ouvir as histórias umas das outras, expressar seus sentimentos e suas necessidades.





O círculo acaba quando os participantes estão prontos para planejar as ações que vão mudar, dali por diante, o que aconteceu. O que rolou já foi e não tem volta. Mas quando nos conectamos com a nossa humanidade e a do outro, ou seja, quando percebemos que todos nós sentimos raiva, alegria, tristeza, felicidade, irritação, mesmo que seja cada um do seu jeito e por motivos diferentes, conseguimos desatar os nós com mais facilidade.

Estes sentimentos que todos sentem podem nos separar ou nos unir. Sentados em círculo, normalmente conseguimos entender melhor o que é dito, e o que provocou o conflito é compreendido de outra forma. Conviver se torna mais possível.

Quando um grupo se compromete com uma mudança, cada um vê a sua própria responsabilidade e oferece algo para contribuir na transformação daquilo



que incomoda a todos, para alcançar, pelo menos naquela situação, o que chamamos de paz.

A paz é viva, dinâmica, cheia de desafios... ela pode ser abalada de repente. Tudo bem, faz parte de nossa humanidade. Quando isso acontece, faz-se novamente um círculo.

E de círculo em círculo vamos aprendendo habilidades que nos ajudam a entender por que antes nos metíamos em tantas brigas e confusões.

Começamos a ouvir o outro falar, a ter mais atenção nas palavras que são ditas, a expressar nossas opiniões com mais coragem, a fazer perguntas que acolhem e não provocam mais irritação ainda. Vamos tirando da cabeça coisas e modos de comportamento que nos ensinaram e colocando no coração outros sentimentos.

Conviver em paz é um aprendizado constante.



Alguns resultados que os jovens, agentes da paz, conseguiram...

“Na semana passada, consegui evitar uma briga porque não incentivei a violência.”

“Eu entendi que é preciso observar tudo que você vê, até os mínimos detalhes. Aprendi a desenhar mais coisas, a escutar mais os outros e falar no tempo certo. Ficar quieto é a melhor coisa, pois observar em silêncio, para uma desenhista, é muito importante.”

“Eu me sinto segura de falar dos meus

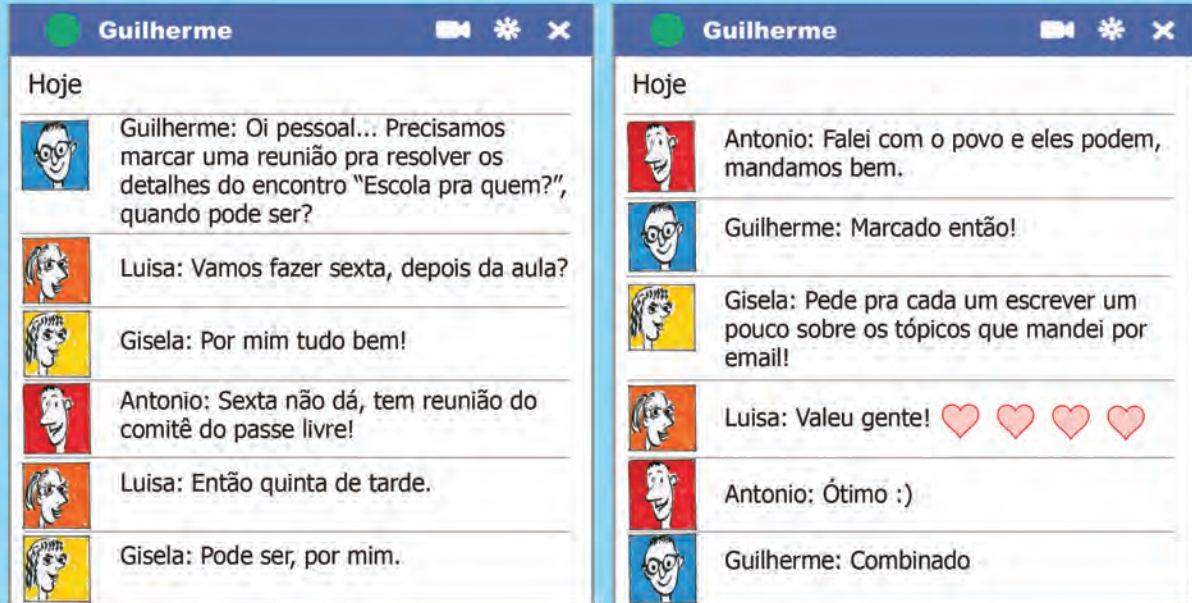
sentimentos aqui no projeto. Conheço-te pouco, mas confio em ti. Estou aliviada de ter vindo pra cá hoje.”

“Eu sou uma pessoa melhor depois que comecei no projeto.”

“Eu estava com muita saudade de encontrar vocês, porque aqui eu posso levar um papo cabeça.”

“Aprendi a esperar a vez do outro.”

Um bate-papo no Facebook



Como isto foi possível?

Primeiro, a mudança começa em nós. Depois, compartilhamos com outras pessoas, que junto com a gente também vão fazer suas reflexões e mudar suas opiniões. Em seguida, contamos para um grupo ainda maior, só que desta vez não esta-

mos mais sozinhos. E assim a história vai crescendo, somos os atores e autores de nossas vidas. A nossa voz cada vez mais sai de nossas bocas, sem precisar de intérprete.

Isto é ter direito a participar.

O que estamos aprendendo com os jovens?

Os jovens querem participar da vida de suas escolas, de sua comunidade e de outros espaços sociais. Têm muita facilidade de interagir nas redes sociais e “passar” no mundo virtual.

Têm o direito e o dever de contar o que pensam sobre como a sociedade e suas instituições estão organizadas. Têm no-

vas ideias que trazem outras possibilidades para se construir relações sociais mais justas.

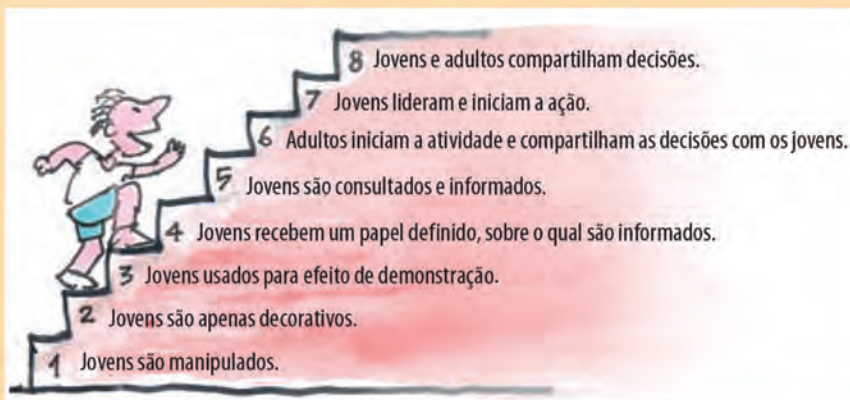
Entendem sobre os temas, sejam eles fáceis ou difíceis de serem tratados. Não precisam que ninguém fale por eles.

Para que possamos avançar nessa conversa, dê uma olhada neste desenho.

Então, em que degrau você considera que está? Mostre para seus amigos e converse com os professores. Pergunte a eles como percebem a participação dos jovens a partir deste desenho.

Participação é...

- Criar movimentos organizados que têm como proposta melhorar a convivência.
- Abrir espaço para todos poderem falar sobre suas opiniões e pensamentos.
- Contribuir para que as pessoas se sintam incluídas.
- Saber concordar, discordar, aprender de diferentes maneiras e saber fazer junto.
- Aprender que só se tem poder com o outro. Poder sobre o outro é violência.



Para participar, além de ter o espaço necessário para isso, é importante que alguns pontos sejam considerados. Vamos a eles:

- Algumas pessoas reclamam e ficam zangadas porque dizem não ter espaço para participar. Mas, quando esse espaço aparece, pulam fora...
- Participar quer dizer se comprometer, não deixar o outro na mão, fazer o que foi combinado, ter flexibilidade, ouvir as diferentes opiniões com respeito. Aceitar aquilo que não é exatamente como você quer.
- Não adianta ficar esperando o outro fazer e depois criticar e reclamar se não deu tão certo assim.
- Enfim, como tudo que falamos aqui, participar significa se envolver, aprender e reaprender, fazer diferente, mudar comportamentos.

Sim... pode dar mais trabalho em alguns momentos, mas, pelo que estamos vendo e comprovando, deixa as pessoas mais felizes e cria um ambiente mais humano, justo e saudável.

Mas, afinal, como se participa? Como se cria uma convivência mais feliz, humana, justa e saudável?

Os Núcleos de Paz têm dado a oportunidade a diversos jovens de agirem, participarem e construírem, devagar, uma convivência que combina mais com eles: alegre, animada, divertida.

Os jovens adoram se encontrar na escola.

“A gente quer ter um espaço de convivência bacana e diferente dentro da nossa própria escola.”

“É muito maneiro pensar nesse espaço que a gente é que vai criar.”



Algumas ideias que já foram colocadas em ação:

Os alunos convidam outros alunos para conversarem sobre seus conflitos na escola e questões que acontecem em casa. Isso tudo em círculo, onde todos têm o espaço de falar o que pensam, passando o bastão da fala. Além destes círculos diretamente relacionados a conflitos, foram feitos outros com vários temas levantados pelos jovens.

Por exemplo: “Segunda Chance”, para dar uma segunda chance a quem errou; “Beleza”, o que você vê quando se olha no espelho; e “Diferença entre zoação e bullying”.

Além de abrirem espaço para conversar sobre esses assuntos que mexem com todos, os jovens se envolveram na construção dos Núcleos de Paz de diversas maneiras: fizeram almofadas pufe com garrafas PET, pintaram o ambiente com grafite, fizeram os Núcleos com a cara que eles gostam.

Para divulgar, mais criatividade! Um rap falando do poder que temos para mudar. Um funk sobre violência e intolerância. Um fanzine sobre justiça restaurativa distribuído para todas as

turmas da escola. Um espelho ao lado do banheiro com a seguinte questão: “Você cuida da sua escola como da sua aparência?”. Um cartaz sobre a “reciclagem das relações” e o “lixo tóxico” presente na comunicação (afinal a maior parte das brigas da escola ocorrem por causa de informações distorcidas).

Muitos vídeos foram produzidos pelos próprios alunos para aprofundar a discussão sobre pessoas, assuntos e situações que os jovens vivenciam na escola. Um grupo se inspirou no trabalho das merendeiras para fazer um vídeo sobre elas. Outro quis trazer a discussão sobre o que é respeito, simulando uma briga onde duas meninas se esbarram e saem no tapa, com direito a fundo musical com funks criados por eles.

Estes são exemplos da vida real.

O que mais é possível fazer quando jovens se reúnem para fazer a paz?

Ocupe as redes sociais para trocar ideias com seus colegas e amigos.

Converse com seus professores sobre a organização ou fortalecimento do grêmio.



Quem participa tem o que contar...

“Eu nunca pensei que depois de tantos anos na escola eu pudesse aprender coisas novas, novas formas de lidar com o ensino e de me comportar com os alunos.”

“Temos pouco tempo, é verdade. Mas juntos, somos muitos e somos fortes. Se cada um de nós puder doar um pedacinho do seu tempo pra ajudar esse projeto (porque existem projetos bons e projetos ruins, esse é um projeto muito bom) ele vai funcionar e vai fazer com que os alunos, mais calmos e mais empoderados na escola, tenham mais e mais tempo!”

É fundamental dialogar com a direção e a coordenação, propondo algo concreto,

estruturado e que ajude a melhorar a escola como um todo. Você faz parte dela e suas sugestões serão bem recebidas.

Que tal reunir seus amigos e fazer uma “tempestade de ideias” (*brainstorm*), usando o “bastão da fala”? Quem estiver com o objeto de fala tem o direito de falar de sua ideia sem ser interrompido. Quem gosta de escrever, anota as ideias. Sairá uma porção de coisas. Vejam o que mais combina com o grupo. Depois, a parte mais bacana: o grupo começa a pensar o passo a passo para fazer as ideias virem ações. Dica: invistam em uma ideia de cada vez, escolhendo o que realmente é possível e o que está, em um primeiro momento, ao alcance do grupo.

É, estamos no final desta conversa...

Foi uma grande alegria poder estar com você nestas páginas, mesmo que não nos conheçamos ainda.



É tão bom poder contar coisas que trazem outras maneiras de se conviver e estar juntos... E é uma pena não ter a opção “Curtir”, para confirmar que estão gostando.

Mas o principal é poder compartilhar ideias tão vivas e reais com quem tem energia de sobra para realizar e conquistar uma forma mais humana e justa de se conviver e se relacionar!



Para saber mais

Dicas para jovens

<http://www.br.avon.com/PRSuite/crusade.page>.

http://www.palasathena.org.br/cont_pedagogico.php

<http://www.guerreirossemarmas.net/>

<http://www.mosaicproject.org/>

<http://www.noos.org.br/123alo/inicio.php>

Dicas para educadores

<http://www.cecip.org.br/cecip/arquivos/JE.pdf>

ARENDDT, Hannah, **A Condição Humana**. Editora Forense Universitária, 11ª Ed., 2010

CECCON, Claudia... [et al] **Conflito na Escola: Modos de Transformar: dicas para refletir e exemplo de como lidar**. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009;

DELORS, Jacques, **Educação: um tesouro a descobrir**; Cortez Editora, 2001

EDNIR, Madza...[et al], **Mestres da mudança: liderar escolas com a cabeça e o coração: um guia para gestores escolares**. Organização CECIP. Porto Alegre: Artmed, 2006;

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra, 2011;

_____, **Educação como prática de liberdade**. Editora Paz e Terra, 2011;

_____, **Educação e Mudança**. Editora Paz e Terra, 2011;

JARES R., Xesús. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Ed. Palas Athena, 2004;

PRANIS, Kay, **Processos Circulares**. Ed. Palas Athena, 2010;

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça restaurativa**. Ed. Palas Athena, 1990;

ROSENBERG, Marshall B., **Comunicação Não Violenta – técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Editora Agora, 2006;

SOARES, Luiz Eduardo, **Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo**, Editora Nova Fronteira, 2011;



Curtir e Compartilhar a Paz: caminhos para a convivência na escola.

Muitas vezes passamos dia após dia esperando uma oportunidade de fazermos a diferença na nossa vida e na vida dos outros. Cercados de informações e distrações, não paramos para perceber o que acontece dentro de nós e com quem está à nossa volta. Assim se passam os dias, as semanas, os meses, os anos... e continuamos esperando aquela grande oportunidade.

Em vez de esperar, nós é que temos de fazer a mudança acontecer, a cada dia, a cada momento. Para isso é preciso aprender a lidar com as diferenças. Nossa sociedade é recheada de gostos, estilos e opiniões

diferentes. Isso gera conflitos e é visto como algo negativo. Felizes são os jovens que descobrem que a diversidade é positiva!

Felizes são vocês, que podem encontrar as ferramentas necessárias para a construção de um mundo melhor. Sem ignorar os conflitos nem ficar eternamente "esperando a oportunidade", vocês são os agentes de um novo olhar para as relações humanas. São os agentes transformadores e criadores da Cultura de Paz!

André Ramos

Coordenador dos Programas Escolas do Amanhã e Saúde nas Escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA